

## **Cartel sobre cartéis: por que não desistir e sim insistir?**

O cartel tem um início e tem um fim. É um dispositivo pensado por Lacan, construído como base do lugar de trabalho de cada cartelizante. A relação de cada cartelizante com o tema estudado nesse dispositivo possibilita a vivência de tropeços e avanços. O cartel é um lugar que implica as questões de cada cartelizante e convoca seu compromisso de desempenhar sua tarefa submetida desde o início, ou seja, o tema desejado. E é por isso que o dissolver não cabe: porque, desde que não sejam colocados obstáculos, o cartel funciona (MIGDALEK, 2004).

Quando um cartel tem início, o ponto de partida se estabelece a partir da interação entre os participantes, que chegam a um acordo a respeito do tema a ser estudado. Nesse sentido, e considerando também que existe uma interação de cada participante com o tema, existe uma previsão de caminhos a serem traçados, acolhendo, inclusive, a alteração desses caminhos. O que não existe, porém, é a previsão de dissolução desse cartel. Desistir do tema, dissolver a estrutura, abandonar o grupo: isso é o que não está previsto no cartel.

Há um enlace entre os cartelizantes que nos possibilita ir mais além. Esse enlace é estabelecido pela escolha do tema – *cartel sobre cartéis*, no nosso caso – e pela reinvenção mais profunda do nosso tema de interesse e objeto de estudo. Com esse tema escolhido, vamos encontrar nas palavras, na literatura e na nossa escrita um mais ainda de cada um.

Nesse sentido, o cartel deve ser previsto, visto e revisto. Prever, no cartel, significa estabelecer o tema e traçar caminhos, mantendo a clareza de que essa previsão pode ser alterada. Ver o cartel é estabelecer seu conteúdo e possibilitar a interação de cada sujeito que se compromete com esse dispositivo. Rever, por fim, significa esmiuçar cada detalhe, cada destino para essa demanda de saber que se convoca para esse cartel. São essa demanda inicial, impulsionada por cada sujeito suposto saber, e o giro discursivo de cada encontro que mais interessam ao trabalho de um cartel.

É importante considerar, também, que começar um cartel é fazer valer esse desejo de estudar e se debruçar sobre um inquietante tema, construindo saberes com seus pares, considerando o compromisso e a disponibilidade de cada um. É fazer o essencial nos estudos para o cartel se tornar excepcional.

O essencial, nesse caso, supõe uma contribuição com a fala e com a leitura, envolve disposição e dedicação de cada cartelizante, dentro daquilo que é possível para cada um. Isso porque a experiência com o cartel é constante e são vividas inéditas particularidades de cada cartelizante. Cada momento presente nos encontros é lastreado pelo sujeito suposto saber, ou seja, é a sua própria contribuição com o tempo vivido nos encontros, e isso ganha um novo sentido a cada dito. É portanto uma experiência única a sua enunciação pelo sujeito suposto saber. Sabemos que é claramente sobre o funcionamento do cartel que se tem atenção com a ação do seu próprio produto.

Nesse sentido, não é possível fazer um cartel sem a contribuição de cada participante, assim como não é possível fazer um cartel sem desejar as palavras e o próprio cartel. No entanto, ainda que as palavras sejam tão essenciais ao funcionamento desse dispositivo, nem tudo cabe nelas, faltam palavras para nomear todas as coisas a serem ditas e, assim, acabamos, muitas vezes, chegando ao indizível. É por isso que a experiência do cartel entrelaça aquilo que se quer dizer e estudar àquilo que chega perto ou próximo de se dizer, pois o tema estudado tende a ser inesgotável. E o tema *cartel sobre cartéis*, por ser ainda muito novo, está nessa mesma posição de inesgotabilidade.

O cartel nos permite resgatar algo intenso, encoraja nosso envolvimento com aquilo que mais importa no momento do estudo, com nosso próprio conhecimento, e nesse cartel não foi diferente. Nesse sentido, é possível afirmar que o nosso cartel foi uma oportunidade enriquecedora e nos proporcionou, na medida certa, um imenso trabalho de interlocução com os cartelizantes. Dialogar sobre um pensamento psicanalítico específico trata-se, nesse caso, de oferecer possibilidades de transformar nosso objeto de investigação em estudo, como também de articular os sentidos e significados, procurando gerar um espaço reflexivo de diálogo e compreensão.

Ainda nessa perspectiva, podemos dizer que o cartel nos leva à construção do seu produzir a partir de cada encontro. Com sua subjetividade e singularidade e com seu envolvimento no compromisso proposto com a psicanálise, com o estudo do tema do cartel e com os demais cartelizantes, cada sujeito ajuda a produzir um enodamento e um arranjo com seu próprio desejo, sem deixar de lado a possibilidade e a importância do falar e do falhar.

Dessa forma, há uma ambivalência de cada um que faz parte desse cartel e há também uma importância em cada escrita, pois podemos colocar nela o mais intrínseco de nós e distinguir, a partir dela, que o sujeito é um sujeito da linguagem.

Lacan propôs o cartel como um modo de remover os obstáculos e organizar o trabalho dos analistas. Mas com ele também podem aparecer alguns infortúnios e seus efeitos. Nesse sentido, pode ser bastante difícil definir o cartel, especialmente quando se desiste deste dispositivo tão importante para construção do analista, já que a desistência é contrária ao que se imaginava quando se compromete com esse dispositivo. Por isso, é preciso sempre apostar nas possibilidades do cartel, e lembrar que ele não é para qualquer um, mas para quem queira prosseguir no seu desejo.

A proposta do cartel é a possibilidade de pôr em questão que todo vínculo é possível com a teoria, assim como é possível suportar a angústia provocada por ele em alguns momentos. Essa possibilidade de suportar aquilo de complexo que o cartel revela nos leva de volta à importância de não dissolver um cartel. É preciso ter claro que todo esse desafio que se apresenta é uma função de cada sujeito suposto saber. Desistir não cabe nesse cartel – e, a título de provocação, provavelmente a dissolução de nenhum cartel deva acontecer, é preciso seguir até seu encerramento.

Sempre há efeitos incalculáveis no posicionamento de cada um dos cartelizantes, com sua narrativa e com seu tripé psicanalítico. Aliás, é esta a nossa condição de estar nesse dispositivo tão importante: a nossa oportunidade de integrar e interpretar o que quer dizer todo esse conteúdo. O cartel é um lugar de produção particular de cada um, permitindo emergir efeitos importantes do discurso de cada sujeito, sustentando a experiência dos participantes como um todo.

O laço discursivo é formado a partir da interação que se estabelece no cartel com o saber do outro, para se perguntar sobre o seu próprio desejo. Existe, nesse dispositivo, uma conduta adequada para fazer acontecer esse trabalho, o que envolve o desejo de cada um de se pôr a trabalhar pelo tema. Para Lacan, “o desejo é o que barra o real, ao indicar para o sujeito a escolha a que foi forçado. O cartel, então, é uma das vias por onde o sujeito enlaça o trabalho pelo desejo” (CORGOSINHO, 2004, p. 104). Por isso, o que deve se calcular no cartel, sobretudo, é a prevalência dos objetos e do desejo, lembrando sempre que “beberemos apenas

o que cada um desejar, sem constranger ninguém” (PLATÃO, 2012, p. 17). Assim é com a psicanálise: beber somente o que desejar do seu desejo – o desejo de desejar.

Não podemos deixar de pensar, também, na riqueza de detalhes da nossa associação livre. Já que o eu não faz morada na sua casa, nós fazemos nosso eu reiterar, reconectar, reler, rever e repensar. Assim, poderíamos dizer que o cartel é a análise a céu aberto, pois existe uma lógica que indica que não há produção de saber se o cartelizante não embarcar pelo efeito da produção do seu produto. A experiência tende a demonstrar o efeito precioso para cada produção de saber, que cada um se compromete com o que quer entregar e elaborar do seu produto. Dessa forma, nossa voz e nosso olhar sempre estarão mais presentes em cada encontro.

Tentamos, até aqui, traçar um caminho a partir do que já foi dito, como se fosse um mapa bem delimitado para orientar como percorrer esse percurso sem esquecer do seu objetivo e do tema escolhido. É importante, para isso, não sair dessa disposição de efeito que provoca essa elaboração para não cair no engodo de desistir do cartel, mesmo que a fala venha a falhar. Sempre é possível fazer algo mais com o cartel e com a formação que ele possibilita e, por isso, seu encerramento após a conclusão de seu produto é a saída mais indicada, já que a dissolução antes da elaboração do produto não é e nunca será a melhor saída.

A experiência construída a partir desse cartel revela sua produtividade em promover efeitos na formação analítica. Os debates cooperam em torno do tema e a experiência vivenciada impulsiona a formação prática do psicanalista. Para isso, é essencial que o cartel seja uma experiência que interrogue sobre quão preciosa pode ser essa vivência, mas que também se responsabilize pela existência da proposta desse dispositivo. O cartel, que faz a diferença nessa experiência, traz para nós um saber inscrito pelo escrito no seu produto final. Portanto, trata-se de aprender com o tempo que se faz um cartel, pois saber fazer com esse cartel é fazer existir e ter acesso a outros saberes.

Por fim, parece importante registrar que vejo com grande admiração cada um dos cartelizantes que fez parte desse dispositivo pela forma como direcionamos o nosso cartel até aqui. Admiro também o nosso +1 pela forma como transformou nosso cartel em carrossel e carretel, nunca em quartel, e como trouxe para nós, no embalo das quintas, o mais apurado, sofisticado e afinado estudo.

## Referências

CORGOSINHO, Rosângela Ramos. O cartel e o princípio da dissolução. In: GUATIMOSIM, Bárbara (Org.). **Em torno do cartel**: a experiência na Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano. Salvador: Associação Fóruns do Campo Lacaniano, 2004. p. 103-107.

MIGDALEK, Sílvia. Considerações a respeito do cartel e a função do +1. In: GUATIMOSIM, Bárbara (Org.). **Em torno do cartel**: a experiência na Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano. Salvador: Associação Fóruns do Campo Lacaniano, 2004. p. 31-35.

PLATÃO. **O banquete**. Tradução, apresentação e notas de Edson Bini. São Paulo, Edipro, 2012.